

JORNALISMO CIENTÍFICO

UMA REFLEXÃO SOBRE PODER: GAP ENTRE CIENTISTAS E JORNALISTAS E O LUGAR DO CONHECIMENTO LEIGO

Clara Marques de Sousa

Quando o jornalista não reproduz fielmente a comunicação do cientista, mesmo sem erros ou falhas de apuração e sem ser um porta-voz do pesquisador, surge um problema: o desconforto do cientista por não controlar o fluxo da comunicação e o que é dito ou não. A partir daí as rugas se expandem, ao mesmo tempo em que as intersecções se aproximam quando o público entra na conta.

A Academia está historicamente ligada a uma elite intelectual, com processos muito bem definidos, hierarquia clara e linear. A disseminação dos resultados de uma produção científica tem, primariamente, o objetivo de convencer os pares de que aqueles achados são relevantes, que ampliam o escopo de novas pesquisas e aumentam a relevância de quem os produz. E essa relevância é necessariamente interna, um reforço do que Bruno Latour chamaria de argumento de autoridade. O Jornalismo, pelo contrário, é difuso. Seus processos são pautados em um conhecimento tácito do que é interessante ou relevante para o público. O próprio público do jornalista é uma abstra-

ção. Tem-se uma ideia de quem lê as matérias e reportagens; imagina-se uma *persona*, um leitor ideal, para o qual o esforço de comunicação será direcionado. Como, então, traçar um paralelo e encontrar um ponto de inflexão entre esses dois campos profissionais, que se encontram na arena da divulgação científica?

Dois pesquisadores alemães, Hans Peters e Arleta Jung, comentam de uma forma muito interessante sobre o fato de que os jornalistas enxergam os cientistas como fontes de informação, aqueles que se ouve para encaixar no texto, *spot* radiofônico ou sonora televisiva, aquilo que se quer encaixar em um conteúdo já pressuposto. A relação com essas fontes acontece na necessidade da pauta, um relacionamento exclusivo de interesses.

E, na trama de interesses jornalísticos, o controle do estilo vocabular e retórico do conteúdo para esse público diverso e imaginário coloca o poder do fluxo de comunicação na mão do jornalista. Ele escolhe a fonte de informação, ele determina o recorte da pauta, o tom da linguagem e o tamanho do texto. O cientista, acostumado à hierarquia dos laboratórios e grupos de pesquisa, precisa se submeter a outra autoridade que não está dentro do seu campo de saber e que domina outra técnica: a comunicativa com um público que não está entre os pares do cientista.

De início, até mesmo os estudos em divulgação científica colocam a carga de entender ou não o que se é comunicado no colo do público-alvo. Lévy-Leblond já comentava que a própria expressão “Public Understanding of Science”, responsabiliza o receptor como desconhecedor, ou aquele que não consegue se adequar aos “esforços quase homéricos” de especialistas que fazem o favor e têm a condescendência de descer dos seus pedestais acadêmicos para tornar didático conceitos “obviamente simples”. Talvez o afastamento do público não seja uma questão de incapacidade de compreensão. Provavelmente, esse

imperativo narcísico do cientista comunique justamente essa visão de poder de quem detém e produz o conhecimento.

Outro problema, entretanto, é o imaginário coletivo de que a Ciência está presente nos noticiários apenas em editorias específicas, que tratarão do tema para um público já previamente habituado e interessado em acompanhar as discussões e novidades do campo em cadernos ou espaços dedicados nos veículos. De fato, o conhecimento científico é um campo interdisciplinar com aplicações além do debate específico sobre os resultados de uma pesquisa. Por meio do Jornalismo, um estudo pauta o debate público e amplia a percepção e os valores sobre a Ciência enquanto campo, também entrando na vida política e inspirando decisões estratégicas.

Quando voltamos à reflexão quanto à lógica discursiva do jornalismo científico, retomamos o seguinte raciocínio: a incompreensão sobre os processos do campo científico e do campo jornalístico está enraizada no impasse em que os cientistas valorizam o conhecimento avançado, linguagem técnica, informações completas e específicas. Os jornalistas, ao contrário, por estarem submetidos a uma lógica editorial e empresarial, operando segundo o posicionamento estratégico de seus veículos, trabalham sob uma linguagem majoritariamente simples e generalista, valorizando um conhecimento difuso e abusando de metáforas e analogias, concentrando-se no que é relevante (segundo seus critérios). Seria o que JoAnn Valenti chamaria de “a precisão do jargão versus a tradução para interpretação de um público leigo”.

O jornalismo científico, antes de tudo, é Jornalismo. Como o próprio nome diz, a rotina da redação e a costumeira pressa dos profissionais também se aplicam a essa especialização do campo. Anelise Rubleski comenta que existem cientistas que, por receio de serem mal-interpretados pelo jornalista, ou simplesmente pelo desinteresse em terem mais uma atribuição para além de produzir e validar seus estudos com os pares, simplesmente se negam a conceder entrevistas,

muito menos consideram relevante popularizarem seu conhecimento. Esse conhecimento situado, inclusive, dialoga com o que o sueco Björn Fjaestad aponta sobre a disposição em divulgar ciência: que muitos cientistas tendem a se enxergar como um grupo objetivo e livre de ideologias, mas reivindicam, ao mesmo tempo, o privilégio de ter acesso especial ao saber, ao que é verdadeiro e ao que “é bom”, seja lá o que ser “bom” represente.

Essa questão do aparente desinteresse em possuir um viés cabe tanto ao cientista quanto ao jornalista. É como se ambos os campos, apesar de todas as rugas refletidas acima, encontrassem um ponto de inflexão em que todos vestem historicamente a camisa da imparcialidade. Fabiana Moraes, no livro *A pauta é uma arma de combate*, direciona a crítica ao jornalismo, que se posiciona como uma testemunha ocular da história, completamente isento em suas narrativas. A construção da pauta, assim como a elaboração de um *paper*, também encena um campo de disputa retórica que trabalha um exercício de convencimento, seja o leitor leigo ou um pesquisador especializado em alguma disciplina científica. Ao se colocar como especialista, inclusive, o próprio cientista reitera seu posicionamento como leigo em qualquer outro campo que fuja ao seu objeto reiterado de estudo. Ao tratar um público como leigo, ambos os campos igualmente desconsideram que o desconhecimento em um assunto é, na verdade, um recorte de vivências específicas do sujeito.

Esta reflexão não pretende tecer uma conclusão sobre a situacionalidade da decodificação das informações contidas no discurso (jornalístico ou científico), mas, na verdade, abstrair sobre a quem cabe classificar o leitor como leigo ou não. Ambas as linguagens tratam como divergentes interesses que, na verdade, dialogam em sua essência: a de quem detém o poder em criar e direcionar um discurso que inerentemente possui uma intencionalidade. Cabe ao público se convencer ou não.

REFERÊNCIAS

EPSTEIN, Isaac; BERTOL, Sônia. Caminho das pedras: a difícil arte de comunicar a ciência para o público. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, ano 26, n. 43, p. 11-27, 1. sem. 2005.

FJÆSTAD, Björn. Why journalists report science as they do. *In*: BAUER, Martin W.; BUCCHI, Massimiano (org.). **Journalism, science and society**. New York; London: Routledge, 2007. p. 123-131. ISBN 978-0-415-37528-3.

GUENTHER, Lars. Science journalism. **Oxford Research Encyclopedia of Communication**, 26 mar. 2019. Disponível em: <https://oxfordre.com/communication/view/10.1093/acrefore/9780190228613.001.0001/acrefore-9780190228613-e-901>. Acesso em: 24 set. 2024.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. Tradução: Ivone C. Benedetti; revisão de tradução Jesus de Paula Assis. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011. 460p.

LÉVY-LEBLOND, Jean-Marc. Cultura científica: impossível e necessária. *In*: VOGT, Carlos (org.). **Cultura científica**: desafios. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2006. p. 28-43.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre: Arquipélago, 2022. 368p. 1.ed. E-book Kindle.

PETERS, Hans Peter; JUNG, Arlena. Wissenschaftler und Journalisten: Nicht unbedingt beste Freunde, aber sie verstehen einander immer besser. *In*: GÖPFERT, Winfried. (org.). **Wissenschafts-Journalismus**. Wiesbaden: Springer VS, 2019. (Journalistische Praxis). Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-658-17884-0_2. Acesso em: 24 set. 2024.

RUBLESKI, Anelise. Jornalismo científico: problemas recorrentes e novas perspectivas. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 3, n. 3, p. 407-427, dez. 2009.

